

e sem o pagamento de impostos.

Como parte da ilegalidade, em muitas obras pessoas trabalham com meia nota, outras sem registro e o mesmo acontece com os materiais. A situação é totalmente contrária e conflitante à de uma construtora que treina e mantém os seus profissionais, capacitando-os para a área em que exercem as suas atividades. Resolver o problema, que também tem uma conotação social, não é tarefa fácil e, na opinião do executivo, o mais sensato seria o governo baixar bastante os impostos e realmente cobrá-los.

À ilegalidade, somam-se os juros altos, a recuperação do crédito, e a morosidade do Judiciário, afirma Glogowsky. "Os juros estão próximos do limite e todo o mercado, que tem leitura rápida e é maduro, espera que baixem no segundo semestre. Mesmo assim, continuarão muito altos, o que não ajudará a resolver o problema habitacional, apesar das novas regras de financiamento. Eles são o maior desafio e o grande inimigo da construção civil. Temos grandes problemas e o País precisa avançar. Ninguém pode andar na rua e ser seqüestrado. No momento em que o mal vence pelo cansaço e pela prescrição, não teremos gente séria investindo no Brasil".

### **BOAS EXPECTATIVAS**

Em 2005, a Hochtief espera registrar mais de R\$ 400 milhões em contratos de obras novas, superando os resultados do ano passado e seu desafio é atingir

um faturamento superior a R\$ 300 milhões, com um crescimento de 20% em relação a 2004. "As perspectivas são otimistas e estou mais animado, apesar da situação não ser fácil. Muita coisa avançou, mas muitas ainda precisam ser entendidas", diz Glogowsky.

Premiada e reconhecida, executando cerca de 15 obras por ano e em condições de aumentar este número, a empresa alerta para a complexidade de um mercado no qual nem sempre o cliente tem a visão dos riscos que corre quando não opta pela qualidade. Construir uma obra rapidamente, como, por exemplo, um supermercado, exige especialização e capacidade para transformar uma atividade de risco em segurança absoluta, razão pela qual as grandes empresas, como a Hochtief, vêm adotando os princípios da governança corporativa.

"O que todo mundo espera é o crescimento sustentável, palavra do momento, mas uma realidade. Não podemos ter apenas uma bolha de crescimento, pois ainda há riscos, como os juros, e variáveis a serem resolvidas, como a parte de infra-estrutura, que já está saturada, a exemplo dos portos. A hora é de regras claras e o dinheiro vai aos lugares onde elas são seguidas. Regras têm que ser cumpridas e não podem ser mudadas de uma hora para outra, porque isso causa danos incalculáveis. O Brasil tem acesso à tecnologia e mão-de-obra capaz. O brasileiro é criativo e rápido, basta deixá-lo trabalhar", conclui André Alexandre Glogowsky.



## **M. BIGUCCI** **OTIMISMO NA CONSTRUTORA**

**Marcos Bigucci,**  
Diretor de Vendas

Criada em 1983, a M. Bigucci é atualmente uma das maiores construtoras do Grande ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano). Seu fundador, Milton Bigucci, está no ramo imobiliário desde 1960 e a empresa atua também na capital, interior e litoral de São Paulo, com atividades que abrangem a incorporação, construção e comercialização dos imóveis que produz. Registra a entrega de mais de 2.000 imóveis, com um número superior a 226 mil m<sup>2</sup> de construção.

O Diretor de Vendas da empresa, Marcos Bigucci, analisa o setor da construção civil de forma muito positiva e vislumbra boas perspectivas para este ano. "Para nós, 2004 foi um ano razoável, entregamos cerca de 50 mil m<sup>2</sup> de construção e em 2005 temos a expectativa de dobrar o

número de lançamentos, bem como a produção", diz ele, avaliando que há também boas perspectivas para o mercado de alto padrão, em sua opinião ainda não saturado.

A visão otimista, que inclui uma recuperação da renda, também está baseada na experiência do ano passado. "Em 2004, milhares de empregos foram gerados nas sub-empresas contratadas para a execução das obras da nossa construtora e neste ano entendemos que os resultados, nesse aspecto, serão igualmente positivos", destaca o executivo.

Atenta às novas condições de financiamento já anunciadas, a empresa quer voltar suas atenções agora para a classe média e pretende lançar, ao longo de 2005, imóveis residenciais com preços variando de R\$ 70 a R\$ 200 mil.